

ENCONTRO NACIONAL DOS EDUCADORES DE CL

De 20 a 23 de junho, em São João del-Rei/MG
Trechos da assembleia final com a presença de Marco Montrasi (Bracco),
responsável nacional de Comunhão e Libertação

Colocação: Olhando para estes dias, e uma crise que experimentei este ano, é como se eu me descobrisse hoje educadora. Porque antes eu tinha uma certeza de que eu talvez dominasse, de que eu sabia; e, quando me deparei com o desafio deste ano – que era um novo estilo, uma nova proposta –, me custou entender que aquilo era para mim. E agora, me olhando, ouvindo o que uma amiga disse ontem – “Eu vim para cá para entender a quem eu pertença” –, ouvindo hoje os amigos italianos na conversa por Skype também, eu pensava: o que me libertou talvez tenha sido aderir ao que era proposto; não achar que aquilo era uma coisa contra mim. Olhando para o que era dado, disse: bom, eu não sou a melhor aqui! Então é hora de começar a estudar, de repensar, de me perguntar o que é ser educadora. E me perguntar isso me deixa mais disponível também. Eu tenho alguns alunos que são autoridades para mim. Desde a postura deles, por lembrar aquilo a que eu pertença, pela forma como eles se posicionam. Então o que tem me ajudado é tentar ser simples, essa simplicidade de não me perder – porque eu sei o que me constrói – e de seguir os meninos.

Colocação: Eu fiz três grandes amigos na escola ao longo desse período; pessoas com quem eu não tinha a menor cerimônia em falar de quem eu sou e das coisas que são caras para mim. E tudo isso foi possível porque eu tinha a companhia e a amizade dessas pessoas, os educadores que estiveram aqui comigo no ano passado. Então houve o momento das eleições, e convidamos um político para conversarmos e pensarmos juntos; e fazer esse movimento, pondo esse “eu” também em ação, me deu muita alegria. E não só na perspectiva de estar fazendo coisas, mas por me ajudar a ter cada vez mais certeza. Ontem no grupinho eu coloquei uma pergunta: “Por que os meninos, os secundaristas, vão tão atrás dos professores deles?” – que são pessoas encantadoras, pessoas maravilhosas que arrebatam, chamam-nos para fora. Então, ouvindo o Skype de hoje, tive uma intuição: que o meu sentimento, o meu desejo não pode ser o de substituir uma ideologia por outra, mas tem a ver com a minha própria experiência, que vai alcançando cada vez mais os meus colegas de trabalho, as minhas crianças, as famílias com que eu trabalho, com quem convivo todos os dias. E a intuição de que aparentemente isso é muito simples e muito frágil, diante do poder que têm esses meus amigos, esses outros meus amigos que fazem as grandes manifestações. Então, realmente, eu não consigo fazer um evento enorme, mas o jeito como eu tenho vivido a amizade com meus amigos nesse período na escola, com as crianças, tem a ver com o fato de Cristo, que é uma coisa que é fundante, tem raiz. É isso o que eu intuí nestes dias aqui: eu carregando junto com todos vocês aqui uma potência do mundo, do mundo para o mundo.

Colocação: Esse acontecimento grande, esse encontro bonito que fazemos todo ano, como ele incide depois na minha escola, na minha vida? Carrón diz assim: “Esse é um tempo apaixonante, está tudo aberto”. E quando você chega à escola e olha para os meninos, o que significa isso? E como eu comecei numa outra escola nova, parece que eu também precisei de um tempo para esse recomeçar, que era um desafio muito grande, como se não fosse acontecer uma coisa bonita de novo. Então este ano eu fiz esta pergunta a mim mesma: “O que significa que está tudo aberto?”. Mas aconteceu uma coisa bonita na minha história: alguém me olhou assim, isso mudou a minha vida com 16 anos e muda ainda hoje. Alguém me olha assim, eu tenho nomes de pessoas que não param no que eu não sou capaz de fazer. E a partir dessa pergunta eu propus aos meninos montar um grupo de estudos no contraturno da escola. E foi uma coisa muito interessante, porque no início nem eu acreditei muito nisso. Assim pedi aos professores que preparassem uma lista de

exercícios para o contraturno, e eles mesmos me indicaram alguns alunos que poderiam orientar os estudos. E para mim foi uma surpresa muito grande. Primeiro, ver os meninos que são os monitores, que são os bons alunos, digamos assim. Mas como eles acolheram essa proposta que eu fiz! E, de fato, já fizemos dois períodos de grupos de estudo à tarde, e todas as salas ficaram cheias, eles levaram a sério: os meninos que estão orientando os estudos são sérios, ensinam nas cadeiras e ensinam nos quadros, imitando os professores. E fiquei pensando: “Mas esses são os mesmos meninos do turno da manhã”, eu não sei tudo deles – quando eu digo que eles não estudam, que eles só ficam no celular. Mas quando ela falava de seguir os meninos, para mim foi uma novidade muito grande, porque eu me dei conta de que falar que eles não sabem estudar, que eles não estudam, é muito pouco. Mas como eu estou diante deles, o que eu faço diante dessa dificuldade que eles têm de ficar parados um pouquinho na frente do livro? Porque a questão é essa. Eles fazem a experiência de serem amados, de serem olhados? Porque isso também nasce de um ponto de afeição: alguém se interessou por mim. Então para mim a coisa mais bonita que aconteceu na escola nesse período foi descobrir que é preciso envolver-se com os meninos, lançar-se sem medo.

Bracco: O que gera o fato de que olhamos assim? Porque a maior força de um educador é alguém que me olha assim. Por quê? O que acontece em nós, dentro da sala de aula, com os meninos, com os jovens, cada um que tem que educar de alguma forma... Se há alguém que me olha, por que é uma coisa que determina a força de um educador? O que é aquilo que acontece, que é como se fizesse surgir uma novidade? O que é essa coisa?

Colocação: Eu fico feliz demais... Se eu fico feliz, é porque se trata de algo que me faz vibrar.

Bracco: Então, é isso. Quando você é olhado assim, e quando acontece alguma coisa, é como se despertasse dentro de mim algo que estava morto: esperança, uma vibração. Recentemente o Carrón falava de superabundância. Qual é a força de um educador? Quando você vê nele uma superabundância, algo que é como se surgisse de algo que há dentro dele. Mas a superabundância é uma coisa genial, por quê? Porque liberta você. Quando se vê que a superabundância não é a genialidade, não é o guru, isso o torna livre também do resultado. Porque o maior sinal da superabundância é que vem de algo que não depende de você. Então, se há um menino, se há duzentos meninos, se há uma praça cheia ou não há ninguém, ninguém lhe tira a superabundância. Porque a superabundância significa que o seu copo está cheio e transborda. E quando transborda, pode cair em cima de um, de cem, de ninguém, mas ninguém tira de você a água que transborda. Essa é a força de um educador. Só que há um problema: a fonte da superabundância não sou eu que decido me dar. Tem que vir de outra coisa. Esta aqui é uma “bomba atômica” – estou falando assim porque estou marcado demais. O Papa falou recentemente dos doze que estavam cheios de medo, fechados num quarto, enquanto a multidão enchia as praças rapidamente, gritando para condenar, uma bagunça enorme. Os primeiros doze educadores, nossos amigos, vamos dizer assim. O que aconteceu? De repente aconteceu uma coisa meio estranha com esses que estavam com medo, com vergonha, sem converter ninguém, mandando WhatsApp a um monte de gente sem resultado algum, enquanto os outros enchiam as praças. O que aconteceu que de repente começaram a falar, a viver? Nem todo mundo tinha onde falar. Um era simpático, outro menos simpático. O que aconteceu? Estamos aqui depois de dois mil anos por causa desses primeiros doze educadores que estavam cheios de medo. O que aconteceu? O Papa diz uma coisa assim: “Não adianta saber que existe um ressuscitado se eu não vivo como ressuscitado”. Aconteceu lá um fato que tomou aqueles que estavam cheios de medo, e eles começaram a viver como ressuscitados. Dentro deles aconteceu algo. Ele falava de Pentecostes. No Pentecostes aconteceu isso. Não era mais uma coisa que outra pessoa dizia e eles seguiam. Não, é que num dado momento, dentro deles, começou a nascer essa certeza. E como se via isso? Dentro deles começou a se gerar uma superabundância. Foi isso o que mudou. Porque é impossível que os doze que estavam com medo comecem a não ter mais o problema, que outros encontrem mais pessoas e eu não. Então, o “big-bang” do educador é que aconteça dentro dele essa superabundância. Porque, quando acontece essa certeza, eu começo a viver como

ressuscitado, por causa de um fato que não está mais fora de mim, começa um tempo diferente. Começa uma ciência diferente. Começa toda uma outra medida que não mede mais você. Mas eu queria colocar essa observação como primeira coisa. Porque não se trata das estratégias educativas, mas de algo que acontece em mim, em você, que pode gerar essa superabundância. Então onde eu encontro, onde eu vivo, como é que vivo isso? Porque depois disso se torna um olhar com o qual você olha diferentemente para todo mundo.

Colocação: Fizemos um encontro com um amigo professor universitário e ele falou da dureza que é também lá para ele em São Paulo. Então ele disse duas coisas que me deixaram muito impressionada. A primeira é que ele tem muita dificuldade em guardar o nome das pessoas – e a sala de Medicina tem 100 alunos –, e por isso se propôs gravar o nome deles. E diz que isso mudou. Quando ele faz o esforço, grava uma característica da pessoa e a relaciona com o nome; e um professor de Medicina chamar o aluno pelo nome é algo que é uma novidade, já proporciona uma proximidade. A outra coisa, que me surpreendeu mais, é que os alunos se cansam de ouvi-lo falar. Ele disse: “Tem hora que eles já estão dormindo; eu estou falando e eles já estão cansados. Então comecei a pensar em fazer vídeo-aulas, trabalhos mais tecnológicos para apresentar minha aula”. Eu escutei isso com um enorme preconceito, porque, pra mim, os alunos têm que nos ouvir e nós temos que querer a relação com a pessoa. Mas ele contou isso de uma forma muito afetiva dentro do que o Bracco acabou de expressar, pois não se tratava apenas de uma estratégia para a aula, mas de uma didática investida de uma superabundância. Não é só uma didática para conseguir atenção; é perceber que os meninos estão cansados, e que hoje os meninos têm dificuldade em prestar atenção. Nós estamos estudando sobre isso. Quer dizer, o ritmo deles faz com que o cérebro entre numa dinâmica pela qual não conseguem trabalhar com papel e caneta enquanto ouvem alguém, e precisamos levar isso em conta. E quando meu amigo diz: “Eu vou fazer de outra forma, porque quero tentar outra forma”, é um modo de olhar de verdade para o menino, e educar de verdade o aluno. Não é só mais uma estratégia para uma boa aula. Então isso foi muito importante para mim, porque eu tenho já na cabeça a ideia do que é uma boa aula, e assim não estou disposta a ouvir o que é que os meninos pensam que pode ser uma boa aula. Tudo isso me abriu porque também o jeito como preparamos, considerando esses elementos, dentro das nossas estratégias didáticas, é uma forma de expressar essa superabundância.

Bracco: Esse é um exemplo bonito. Porque a superabundância é a consequência de me dar conta de alguma coisa. É como uma abertura que temos que ter. Nós precisamos seguir os meninos ou aprender com os jovens, estar sempre abertos, como ela disse. Porque um sinal de superabundância é ter essa criatividade aberta, aberta sempre. Aberta a aprender com todo mundo. Aberta a acolher a verdade, a coisa bonita que você vê acontecer, não só em mim, mas em todo mundo, em nós. Pode vir algo de qualquer pessoa e pode ser um bem para mim. Eu também fiquei marcado. Esse momento em que parece ser tudo uma bagunça danada, quando alguém diz algo de valor, entusiasmo. Eu estou fazendo a experiência disso. Por quê? Antes, mais ou menos, havia muito mais pessoas que viviam como nós, pensavam como nós, estavam mais ou menos alegres como nós. Agora, é como se não tivéssemos mais aquela esteira que nos carregava, encontramos pessoas que têm feridas, que estão contra. Nada é óbvio, nada! Então tudo me provoca a que dentro de mim aconteça. Por isso é entusiasmante. Porque eu não posso mais viver “de rendas”. E me provoca a perceber que diferença faz quando Cristo acontece dentro de mim, e gera uma superabundância ou não. Antes podíamos nos confundir, estando todos juntos aqui. Agora, com mais evidência reconheço se é uma coisa que acontece dentro de mim ou não. E, quando não acontece, não é que fico desesperado: tenho mais energia para ir atrás – para ir atrás de alguém, para aprender com alguém. Antes eu podia me confundir mais, podia estar mais carregado. Agora não. É mais dramático, mas não tem comparação. E também com os jovens é assim agora. Antes todo mundo dizia: “Vão para a missa, meninos” – todo mundo ia. Agora perguntam: “Por que é que tenho que ir? Não, não vou”. E todo mundo acha absurdo. Só que eu tenho que fazer com que antes viva em mim a razão de por que eu vou, que vibre em mim a

superabundância daquilo. Senão o filho nunca vai ter interesse. Porque o interesse nasce se ele vê superabundância nos pais. A maior educação que os pais dão aos filhos não é se os filhos fazem tudo o que eles querem. É se eles vivem uma superabundância. E isso gera os filhos mais do que se eles os seguem em todos os lugares que eles querem. Isso que é uma coisa absurda de genial, como método. Parece nada, e tem tudo dentro. Só que nos põe a questão, porque não adianta todos os seus estudos, mestrados e doutorados, se você não está fazendo uma experiência: é preciso decidir se você quer fazer a experiência ou não; se você quer seguir alguém ou não. Esse é o problema.

Colocação: É muito vertiginoso, porque, como diz Pe. Carrón no livro *A Beleza Desarmada*, “não é que as circunstâncias são o problema. As circunstâncias só apresentam uma fragilidade que é nossa”. O problema não é a circunstância, somos nós. Nesse contexto atual, nós – como educador, como mãe, como avó – nos sentimos nus, porque é como se não soubéssemos responder às questões que são postas. E ao mesmo tempo é bonito, porque eles fazem as perguntas a nós e nós temos que aprender a dar resposta. Não sabemos dar resposta, porque a esta não é um discurso correto e limpo. Por exemplo, uma coisa que me incomoda nas festas é ver os jovens, nossos filhos, nossos amigos, beberem muito. Quando tem festa de 15 anos, casamento... o máximo é beber. Uma vez, conversando com meu filho, que é um adulto jovem, depois de uma festa eu disse: “Ô filho, sabe que para mim, para me divertir não preciso beber”. E ele disse: “Ah, bom para você, hein? Parabéns”. E eu fiquei com aquela cara... Mas entendi que não adianta lhe dizer isso. Um discurso correto e limpo não lhe diz nada. Ou então quando os filhos fazem verdadeiramente as questões sobre gênero, sexualidade, é uma provocação, uma ocasião para nós, para redescobrirmos o valor de cada coisa: redescobrir o valor da bebida, o valor do sexo, o valor da família, o valor do estudo, o valor do celular... Na conversa hoje cedo com os italianos aprendi isso, que “o caminho para a verdade é uma experiência”. Quer dizer, mais do que um discurso, é necessário fazer experiência e ajudar as pessoas a fazerem o mesmo.

Bracco: Eles têm que ver alguém que vive uma experiência. Demorará cem anos para que, de novo, uma regra, uma frase da doutrina, vire verdade para eles, não sei. Mas quando em alguém vibra alguma coisa, abre-se uma fresta lá dentro. Pelo menos uma pergunta: “mas se ela vive assim, e pensa essas coisas absurdas – mas eu gosto tanto dela, porque me marca – tem lá alguma coisa que eu vou atrás”.

Colocação: Conversando com os Colegiais eles me dizem: “Eu faço experiências de momentos muito bonitos com essa companhia, na Escola de Comunidade, mas no dia a dia eu me sinto sozinho, estrangulado, martirizado, a vida é difícil...”. O que eu faço? Eu falo de mim, das vezes que eu fiz essa experiência... Porque nós temos uma história, os meninos estão começando a história agora. Eu tenho uma história de vários anos. Então, o que não acaba comigo quando eu estou numa situação muito difícil, é ter a certeza, a partir da minha experiência, de momentos em que eu vivi um relacionamento estreito com Cristo e em que peço para viver hoje de novo – indo atrás das minhas amigas, pedindo a Deus que se mostre de uma forma escandalosa na minha vida hoje. E, por causa desse caminho, eu não me destruo no momento de muita dificuldade, porque aquilo que aconteceu comigo ninguém me tira. Mas esses meninos estão começando agora, então para eles isso é muito difícil. Eles não entendem isso na vida deles, eu me sinto muito impotente e digo: “Vejam, comigo é assim, mas vocês têm que experimentar na vida de vocês”. Eu queria dar uma resposta mais pronta, mas não existe... É exatamente isso que você está dizendo, não existe uma receita, é uma fresta que um ou outro pode entender. Parece que a circunstância para eles é uma coisa muito forte, o momento é muito determinante.

Bracco: Vamos dizer assim: qual foi o momento mais favorável que nos ajudou a nos dar conta de algo precioso? Se pensamos na nossa experiência, quais foram os momentos que foram ápice, que nos ajudaram a nos dar conta de algo valioso?

Colocação: Para mim, foram os momentos mais difíceis.

Bracco: Os mais difíceis! Paradoxalmente, há alguém que não tem medo de ficar sozinho, perdido, quebrado. Porque esses são os momentos em que mais se podem tornar consciente de que eles precisam voltar – porque eles voltam. Então nós não temos que ter medo, temos que dizer a eles que essa é a vida. Mas se eles não tivessem esses momentos em que se quebram, não perceberiam que há algo que provocou neles o desejo de voltar. É preciso ajudar a tomar consciência disso, a se dar conta. Por quê? Porque para o filho pródigo, qual foi o momento ápice em que ele voltou a ser ele mesmo? Foi quando estava mais longe. Só que nós temos que aprender como Deus faz, como Cristo faz e como Carrón está nos ensinando: que é não ter medo. Não ter medo e apostar. Dando a certeza de que eles, mesmo se estiverem sozinhos, mesmo se não querem ir, mesmo lá onde estiverem sozinhos, é a circunstância talvez favorável para se darem conta de algo que têm dentro, que os puxa para algo verdadeiro. Todo mundo tem isso dentro. E se nós não temos essa certeza, se vamos colocar laços em todo mundo, eles vão querer se soltar. Em vez disso, se dermos essa liberdade... Eu me lembro do exemplo do elástico. O elástico, quanto mais você o estica, mais ele solta. Se ele solta lá, dói depois em você, pela velocidade com que volta. Mas depende de como nós vivemos isso. Na Escola de Comunidade fiquei marcado demais ao ouvir o relato de uma amiga. Ela e outra amiga tiveram algumas circunstâncias difíceis; então, mais ou menos no mesmo período, decidem ir embora do Movimento. Então uma começa a preparar uma carta, muito brava mesmo, e escreve à secretaria: “Quero me desfiliar da Fraternidade, agradeço, etc., etc.” Liga para a outra e diz: “Olha aqui, eu preparei uma carta perfeita. Vou dar a você também, assim vamos embora juntas”. A outra lê essa carta e diz assim: “Ela estava toda feliz que estava indo embora, e do ponto de vista lógico, realmente não faz sentido continuar vinculada a algo de que eu não participo, mas... eu não sei por que, não conseguia dar o clique para enviar o e-mail com aquela carta pedindo para ir embora. Então eu disse: se eu não consigo ir embora, eu tenho que voltar”. Dá para entender? É uma coisa absurda! Ela se deu conta, no ápice. Naquele momento, um instante antes do “clique”, de se desfiliar da Fraternidade, foi aquilo que a ajudou a se dar conta! E fez surgir o desejo de voltar, aí ela voltou. Agora é um espetáculo, muito viva. Mas por que aconteceu isso nela? Porque, como disse o Papa, não adianta saber que é ressuscitado. Quando eu fico ressuscitado, esse é o maior milagre. Porque isso é Cristo que está fazendo acontecer. Então, se vivemos essa certeza com os meninos, será um espetáculo também. Claro que é um risco, educar é um risco. Por quê? Porque te faz sofrer, será um exercício contínuo. Mas é um exercício não para eles, para nós, de aprender a viver; e nós, aprendendo essa liberdade, por superabundância vamos vivê-la com os outros. E aí você vai ver os ápices, por quê? Giussani fala sempre do instante em que o Anjo foi embora. Paradoxalmente, Maria se deu conta daquilo que aconteceu, depois que o anjo foi embora. Os milagres às vezes – às vezes não – pode ser que aconteça algo na sua frente e te muda, a maioria das vezes, quando você está sozinho. Quando você se dá conta. Esse é o desafio de educar os meninos, porque estão cada vez você se enchendo mais de coisas para fazer, e é mais difícil se dar conta. É mais difícil se dar conta desse gancho de algo bonito, de algo belo, de algo verdadeiro que chama você, porque tem sempre alguma coisa que puxa pra outro lugar.

Colocação: Eu queria contar uma graça que recebi no meu caminho nestes últimos meses. Depois de mais de cinco anos que meu filho dizia: “Mãe, vem pra cá, muda pra cá”, e eu dizia: “Não, como assim? Vou pedir demissão, exoneração de onde eu estava?”. E eu rezava. Falei: “Bom, Deus tem que mostrar um caminho, mostrar alguma luz para isso”. E fiz um curso, uma complementação de pedagogia e, quando terminei, abriu concurso na cidade aqui perto. E eu fiz o exame e passei, e era só uma vaga. Bom, cheguei, mudei com 62 anos, e mudar é uma revolução na vida, mas com esta certeza: “Deus é que está me chamando, Deus me quer lá”. E ao chegar aqui encontrei muitas dificuldades, porque é tudo diferente. E aí eu dizia: “Ah, acho que era só para eu mudar, agora você não me quer mais aqui!”. E aí veio a Semana Santa, que aqui é o “mês santo”, e aquelas vias sacras às sextas-feiras – aquela coisa da dor, de viver ali com Jesus Cristo mesmo, uma oração belíssima que tem – foram realmente me tomando, me arrebatando. Para eu

entender que não tem escapatória: Ele me quis aqui. E nunca foi tão claro para mim entender como a realidade é onde Ele está. Ele está na realidade. Quantos anos ouvindo isso! Então, acho que essa felicidade de encontrar aqui a comunidade de São João del Rei, porque senão eu estaria perdida. Mas é nessa companhia que a gente aprende, então quando você falava que eles olham para a gente, eu me lembrei dos meus filhos. Hoje, só uma vai à missa, e agora diz que está se separando do marido, diz que não consegue nem rezar. E eu fico pensando: mas o que eu fiz, né? E eu me lembrei do mais velho, que disse que um dia acordou de madrugada e ficou chorando, emocionado, de alegria, porque me viu sentada no chão da cozinha lendo a Bíblia, e, estava ali para não fazer luz e não incomodar os outros. Mas ele acordou e me viu ali. E depois, tendo já filhos, ele falava: “Mãe, você está preocupada? Eu me lembro de você sentada lá no chão da cozinha. Você que me ensinou a não desistir”. Mesmo que ele fale que agora não é mais católico, alguma coisa traz a gente até aqui. Então, hoje, mais velha, posso olhar para isso e não ficar duvidando toda hora: Ele te quer nessa realidade. Então isso tem sido de uma beleza, de uma gratidão imensa.

Colocação: Eu dou aula há 36 anos, e acredito que quando eu entro na sala de aula, aquele é um lugar de milagre: quando eu entro em sala de aula, eu olho pedra e não vejo pedra mesmo, vejo um monte de milagres. Eu ponho o pé para fora da sala de aula e já vejo tudo pedra, mas dentro da sala de aula é tudo diferente. Aqueles meninos todos são muito impressionantes, eu desejo cada um deles, é uma coisa que nasce em mim. Muitas vezes em janeiro, julho, eu tamborilo os dedos e digo: “Senhor, já fez a lista? Já escolheu os meus?”. E então eu já entro assim, eu abro a porta e digo: “Boa noite, sou a professora de vocês”. E então parece que só pelo “boa noite” o mundo já começa diferente. Bom, este ano eu estou dando aula de comunicação numa faculdade de Tecnologia. E é uma turma de alunos muito misturados: tenho alunos de 20 anos, tenho alunos mais velhos do que eu, gente com nome trocado, sexo trocado, tudo o que você pode imaginar tem ali. Bom, o primeiro projeto da minha disciplina é que eles apresentem a biografia deles. Aliás, é uma atividade completamente espetacular, porque eles têm que retomar a vida e tomar consciência da história deles, então eles se surpreendem. Mas o que eu quero dizer é que tem sido uma superabundância dos dois lados. Eu posso trazer uma superabundância para eles, mas eles trazem para mim, porque o que eu tenho visto, reiteradas vezes, de modo até cansativo, é que a vida se refaz. “Não dorme nem cochila aquele que é o guarda de Israel”. Então a vida está sempre se tecendo, de novo, de novo e de novo. Então, quando você olha a vida a certa distância, nos últimos 30 anos – que eles têm em média 30, 35 anos – quando você olha assim, você vê que eles acharam o lugar. Eles se perderam aqui mil vezes, aconteceram tragédias, o pai quase matou a mãe, ou esse aqui era alcoólatra, morreu, o irmão foi assassinado no tráfico, tem cenas difíceis. Dou o exemplo de um menino que contou: “O meu irmão mais novo foi assassinado pelo tráfico, e eu tinha dado minha calça para ele. E aí minha mãe pediu para eu passar a calça jeans para enterrá-lo”. Ele dormia – esse meu aluno – dormia com o pai, no mesmo quarto, e há três meses não falava com o pai, que é alcoólatra, etc. Aí ele disse: “eu passava a calça do meu irmão que ia ser enterrado, e dizia: ‘Bom, mas a vida acaba. E o que eu estou fazendo com ela? Estou há três meses sem falar com meu pai, o que vou fazer diante disso?’”. E para mim, havia uma coisa muito vertiginosa, porque ele podia ter feito perguntas muito diferentes desta: “A vida é uma porcaria. Não serve pra nada. Podia ter morrido meu pai, não meu irmão”, sei lá. Mas também é muito claro que, a cada instante, o que eu decido fazer com aquele instante? Mas como Deus chama de novo, de novo, de novo – é um grande tecedor. Você rompe o tecido, Ele chama de novo. E eu tenho percebido que a vida tende a voltar para o lugar. Com o tempo ela acaba voltando para o lugar. Você esperneia, e você precisa desejar fazer esse caminho, algum caminho, mas volta para o lugar. Então eles têm sido uma superabundância para mim – de vida, de caminho, etc.

Colocação: Até janeiro eu era agente de pastoral num colégio católico, depois surgiu uma vaga como professor de ensino religioso e era o que eu mais queria. Eu queria ser professor. E aí surgiu essa oportunidade e eu consegui. Então, dia 1º de fevereiro eu estava lá, todo mundo festejando, vibrando. Só que dois meses depois, em uma aula minha, um menino bateu numa menina. E isso eu não admito. E aí chamei a atenção dos meninos, só que a turma não gostou – estou resumindo os detalhes –, e como a tecnologia funciona tanto para o bem como para o outro lado, eles passaram o zap para outras turmas, e as outras turmas passaram para os pais e os pais passaram para a direção, e infelizmente fui mandado embora. E aquilo mexeu muito comigo, fiquei muito mal. Mal a ponto de me questionar se realmente deveria continuar nessa área ou não. Isso me abalou muito mesmo. E aí vem a questão financeira. Mas no meio do caminho, surge de repente uma pessoa que me liga: “Quer trabalhar?”. “Quero! Onde?”. Na creche que foi onde descobri minha vontade de ser professor. Só que quando fui fazer a entrevista com a diretora, vi que as coisas mudaram lá no morro. E olha que eu morei 21 anos em favela, mas nunca tinha visto um negócio tão violento. Mas comecei, o coração explodindo de alegria. E quando o Bracco fala dessa fonte, dessa energia, disse que você passa pro outro e não é você que decide, no meu caso eu vejo muito claramente que não sou eu que determino como é que vai ser esse relacionamento com as crianças. Eu faço a minha parte, rezo, peço muito a Deus sabedoria. E diante disso tudo eu vejo claramente que sou gerado, educado, através de rostos precisos. E eu vim mais precisamente pra esse encontro de educadores porque me ajuda a entender e a dar mais um passo e dizer: olha, realmente, aqui é o meu lugar. Existe um lugar onde eu sou gerado, independentemente daquilo que eu sou – porque até agora ninguém me perguntou como é que eu estou fazendo, como é que está minha vida, se eu sou limitado, se não sou, quais são meus inimigos, como é que foi meu passado, o que eu fiz – ninguém me julgou. Muito pelo contrário: até agora só acolhimento e um olhar, uma atenção, e propostas de atividade. Não sei se daqui a cinco minutos vou estar vivo, mas o que decide é reconhecer essa Presença que me ajuda a olhar para uma segunda-feira, a poder voltar pra casa, encontrar tantos limites; porque é tanta coisa que a gente vê, que é difícil. Eu posso subir o morro na segunda-feira por uma realização que eu quero que meus filhos vejam. Tanto que quando eu rezo com eles, eu brinco com eles com um olhar, com essa afeição de que eles possam ver e viver aquilo que eu vivi. Mas aí é liberdade deles, aí educar é um risco mesmo, é apostar na liberdade deles. E surge um sentimento de gratidão, que eu tive que contar isso para vocês para dizer assim: Como vale muito a pena! Tenho medo? Pra caramba. Tenho raiva? Demais; porque acho muito injusto o que aconteceu. Não desceu ainda, não. Mas agradeço a Deus porque me faz essa ferida aberta, que já está no osso, dói demais. Mas é nessa dor que eu não perco nada. O pessoal está falando e eu estou aqui com o coração latejando. Então, só tenho que agradecer por vocês estarem vivendo dessa forma, como cada um vive, porque me ajuda, me ajuda a poder continuar.

Colocação: Para mim também acontece um pouco isso que ele fala: a presença das pessoas vai indicando coisas. Para dar um exemplo, saiu até na nossa última *Passos*, de junho – que foi o evento com dom Mauro Lepori, em São Paulo. Ele fala do *homo fluctuans*, ele usa desse termo, que é um termo que São Bento utilizava com seus monges que estavam ali meio fraquejando, meio não dando conta um pouco das coisas, já tentando ir embora, já tropeçando mesmo. E Dom Mauro fala: “Olha, esse me parece ser o grande exemplo do que nós estamos vivendo agora. Nós somos um pouco esse irmão *fluctuans*”. Porque a gente está na superficialidade, a gente de modo geral, mas eu reconheço um pouco isso em mim também, nos meus filhos, nos jovens, nos meus alunos. Mas o que me impressionou foi como Dom Mauro coloca o que São Bento fazia. Ele pedia para dois monges experientes, vividos, mais velhos, irem atrás desse monge que já estava meio relutante, para acompanhá-lo no dia a dia. E era uma companhia. Então a proposta é uma companhia, é o que a gente tem, não tem nada demais. E o que aconteceu comigo? Quando eu li essa parte fiquei olhando para quem são os *fluctuans* dos meus alunos. Porque tem aluno que, se eu dissesse “não precisa vir na aula não”, ele não iria! E é óbvio que esses meninos e meninas

estão numa dor. E ler esse texto me fez olhar com mais atenção para alguns alunos, particularmente aqueles que nos ferem mais. E tem um lá particularmente que me fere demais, porque ele entra na sala de aula com uns 40 minutos depois, abre o celular no meio da explicação e ele sai 20 minutos antes. Ele fica então uma média de 10 minutos na aula e ainda fica no celular. E daí, pensei: “Tenho que fazer alguma coisa, não é possível”. Porque, instintivamente, você pensa: “Eu estou aqui; não quer, não quer”. Isso também é um limite que eu tenho, de aprender até onde ir, até onde deixar na liberdade também. Mas o que aconteceu? Depois de ler esse texto, eu me senti um pouco mais ferido e daí um dia eu estava falando, tinha um seminário, o menino foi sair – ele tinha entrado depois, ele foi sair antes – e falei: “Fulano, preciso falar com você”. Daí ele ficou ali, meio a contragosto, passou 10 minutos, terminou a aula, daí o chamei: “Precisava falar com você, porque quero saber o que está acontecendo, você chega depois, sai antes” e tal, e perguntei: “Como é que está a aula pra você?”. E daí ele responde o que eu sabia: “Ah, sinceramente, não gosto da sua aula. Eu venho porque... Mas já tinha visto um pouco desse assunto na outra faculdade que eu fiz, então não tem nada de muita novidade pra mim”. Eu respondi pra ele: “Tudo bem, bacana, só queria dizer: mas você está sabendo o que está acontecendo? Tem as leituras, tem as atividades, você está acompanhando? Porque tem uma avaliação, tem umas coisas que a gente vai fazer e tal”. “Não, estou sabendo”. Mas o que eu queria dizer para vocês então é isso, primeiro que esse texto de Dom Mauro me provocou a me dirigir a ele porque eu acho que é uma educação. Depois, foi surpreendente o que aconteceu em mim, porque, nesses anos todos que eu sou professor – isso já aconteceu também – se um aluno viesse falar pra mim “Ah, não estou nem a fim da sua aula”, eu ficaria com uma vontade de esganar o cara. E daí isso que foi impressionante, eu acho que é um sinal mesmo, do como a verdade vai tocando a gente e como a gente vai sendo acompanhado mesmo, porque eu saí dessa conversa com esse aluno, muito feliz. Eu não sei se eu consigo explicar nas palavras, se está claro o que eu estou querendo dizer, porque pra mim é um milagre. Porque pra mim não tem como explicar, porque eu sei que algum tempo atrás eu seria vingativo, “Então agora você vai ver mesmo, agora vou dar nota”. Mas saí feliz!

Colocação: O que me impeliu a vir aqui no encontro dos educadores, como já escutamos aqui hoje, foram experiências vividas que fizemos, que eu fiz dentro do Movimento, e das quais eu faço memória e por isso volto aqui para beber novamente dessa água. As coisas estão um pouquinho confusas para mim, porque, de certa maneira, há muita mudança acontecendo na minha vida, do último ano para cá. Eu mudei de cidade e agora moro sozinho. Eu trabalhava numa escola muito bonita, fazia uma experiência de trabalho bacana, muito interessante, agora trabalho numa escola feia, pequena, precária, pobre, com alunos muito pobres também. De certa forma todas essas mudanças estão ali, borbulhando na minha frente. E eu estou aqui... Decidi vir porque pensei assim: no meio dessa bagunça toda, existe um lugar que pode me reestruturar, que pode me ajudar a olhar de novo para uma coisa... eu tenho que só estar com eles. Não preciso fazer mais nada. Só preciso ir lá e ficar aqui. Minha contribuição pode ser que não seja nada, não tenho nada a contribuir, mas tenho algo a beber dessa companhia. Porque o Mistério está aqui, o Mistério está aqui entre nós, de uma forma ou de outra, ele está me alimentando do que cada um falou. Então, assim como nosso amigo falou agora, a única coisa que eu tenho para dizer é de agradecer realmente; agradecer o que cada um falou. Porque dentro de cada experiência vamos colhendo um pouquinho e vamos reconstruindo ali como caquinhos vão se juntando. Hoje de manhã eu escutei uma coisa que me comoveu muito. Um menino perguntou ao padre Pigi: “Olha, por que você não desiste de mim?”. E o padre Pigi falou: “Porque eu vejo em você algo que você não vê”. E ele falou assim: “Como é que você consegue ver algo em mim que eu não consigo ver?”. “Porque eu sou olhado dessa forma pelo Carrón”. Ou seja, um outro olha em mim algo a mais. E essa foi uma coisa que para mim foi de muito valor, porque eu acho que é isso que eu também preciso aprender: olhar algo que eu carrego, que é muito maior. E que através dessa pequenez, dessa frouxidão, ele se afirma dentro da vida. Sinceramente, houve uma época na vida

em que eu tinha muita pretensão de falar de Cristo pra todo mundo; de ensinar, de falar, de atrair as pessoas. Mas a experiência de uma falta de fé que eu vivi e dessa pequenez me levam a perceber assim: se eu ficar de pé, já é muito. Entendeu? Como é que eu vou querer conquistar alguém? Mas o que eu vejo a cada dia é um milagre do Senhor, que me deixa de pé. Do Senhor que está me sustentando e, de certa forma, sustentando outras pessoas que estão ao meu redor também. Não é que eu só me olho e só me dou soco no estômago, mas eu percebo que também a minha presença é verdadeira, é bonita, é grande para algumas pessoas. Eu não quero ficar só olhando para o mal, para o limite.

Bracco: No texto dos Exercícios, Carrón cita aquilo que Dom Giussani disse na Praça de São Pedro: “Era uma simplicidade de coração que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional, daquela maneira imediata cheia de certeza, como acontece diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte da nossa pessoa, nos tocam até o coração”. Precisa decorar essa frase: “Era uma simplicidade de coração que me fazia sentir e reconhecer Cristo como excepcional”. O que isso significa? “Uma maneira imediata cheia de certeza, como acontece diante da evidência incontestável e indestrutível de fatores e momentos da realidade, que, tendo entrado no horizonte da nossa pessoa, nos tocam até o coração”. Não é uma coragem que permite reconhecer Cristo como excepcional. É uma simplicidade de coração, é como você testemunhou agora. Essa é a força. Aquilo que nós achamos que é uma fraqueza, é uma força. Por quê? Porque “só essa disponibilidade a deixar-se escancarar totalmente pelo acontecimento do encontro é que nos permite perceber adequadamente o seu significado”. Tudo o que permite essa bomba atômica é como se fosse a nossa fragilidade. Ser totalmente humano. É ser totalmente eu mesmo, ser totalmente frágil. Aquilo que parece, aos olhos do mundo e aos nossos, uma fraqueza é como uma porta por onde, de novo, eu posso reconhecê-lo como excepcional. E isso é uma bomba atômica. Dá para entender? Porque é isso que permite falar como São Paulo: “Nada me separará do amor de Cristo”. Nada. Só que, para falar isso, é preciso uma fresta que não é a minha coragem que abre. Porque é preciso muito mais coragem a partir da minha humanidade como ela é. Como você testemunhou: essa aqui é a verdadeira coragem. Entende? De eu deixar que o meu humano seja ele mesmo. E se você vê na sua experiência, Cristo sempre entrou com aquela imediatez certa quando você foi totalmente humano, com a tua humanidade. Isso é coragem! Então, isso aqui é aquilo que pode mais nos tornar educadores. Não você ser mais fortes na frente dos meninos, mas quem começa a viver assim a própria humanidade.

Colocação: Há uma frase de São Bento que diz assim: “Não antepor nada ao amor de Cristo”. Eu pensei: vou lá porque eu não quero antepor. Venho aqui porque não quero antepor nada. Vou dizer sim para ir às férias, porque não quero antepor nada. Se é Ele que está me chamando ali...

Bracco: Imaginem: todos os cursos para aprender as técnicas de educação. Se nós, todas as vezes que há uma Escola de Comunidade, todas as vezes que nos encontramos, quando vivemos assim – é claro que depois precisa aprender as coisas, e nós podemos também nos ajudar a entrar das coisas técnicas –, vamos à aula com os olhos brilhando de uma outra forma. Ou temos um olhar para o seu aluno que é outra coisa. Só que precisa daquilo que você falou: um caminho. Cada um de nós precisa se perguntar: onde é possível que eu volte sempre? Qual é o lugar que temos? Essa é a coisa mais preciosa que temos.